

## 7 Considerações finais

A preocupação com a forma e a visualidade, através da ideia de leveza, conduz esta dissertação, que se desenvolve principalmente na tensão entre duas abordagens, fazendo eco à própria natureza ambígua do termo *leveza*, assim como a uma dualidade latente no campo do design. Uma desemboca em investigação histórica para recuperar sentidos da forma e visualidade da leveza em determinados contextos culturais, sociais e técnicos; outra concentra-se sobre aspectos práticos e instrumentais da forma e visualidade nas especificidades dos objetos tridimensionais e dá propósito a toda a pesquisa.

Passa longe a intenção de cristalizar algum determinismo entre uma e outra (no capítulo 2 isso é esclarecido), pretendendo-se antes abrir espaços de relação nos quais seja possível articular aspectos da forma e visualidade do mobiliário produzido no Brasil. Se se considera que isso não existe como significado intrínseco aos artefatos, tampouco interessa deixar de lado lastros culturais, incorporados às formas e visualidade dos artefatos, principalmente aqueles apropriados com vigor pelo campo do design, como acreditamos ser o caso da leveza.

Identificou-se, num processo complexo de transformações sociais, culturais e técnicas na modernidade, especialmente a partir da revolução industrial, a constituição do que chamamos de identidade formal/visual da leveza no campo do design. Pelo próprio percurso da pesquisa, revelaram-se dois sentidos relevantes associados a essa identidade – leveza, simplicidade e beleza; leveza, transparência e tecnologia –, que logicamente, não contemplam o processo nem o poderiam fazer em toda a sua complexidade. No entanto, através deles é possível localizar uma identidade formal/visual, incorporada no mobiliário doméstico, presente também no mobiliário moderno brasileiro, assim como num tipo de mobiliário produzido ainda hoje.

Embora fosse desejável, não foi possível, por limites de tempo, destacar algumas peças clássicas de mobiliário que surgem após esse período, cuja característica de leveza é latente, como a cadeira *pretzel*, de George Nelson, ou a *super leggera*, de Gio Ponti, dentre outras, e analisar aspectos formais e visuais, para então confrontá-los com os aspectos

descobertos na análise do mobiliário no Brasil. Fica, portanto, em suspenso esse aspecto.

Quanto às interseções entre forma e visualidade e o design de móvel no Brasil, apresentam-se as seguintes questões a respeito dos limites da pesquisa:

- Aspectos formais e visuais da leveza no mobiliário no Brasil destacam-se de uma história uníssona sobre o mobiliário moderno no país, que prioriza referências canônicas culturais e da arquitetura. Fez-se uso de uma única perspectiva a respeito dessa história, portanto, seria oportuno e desejável ampliar a investigação para outros contextos, ambientais, produtivos, de uso, que possam ajudar a problematizar aspectos formais e visuais de leveza. Assim como seria valioso extrapolar a pesquisa além da tipologia dos móveis clássicos no Brasil.

- Optou-se por deixar de lado, no percurso da pesquisa, análise de materiais, assim como da própria estrutura física das peças, que certamente poderiam adensar a abordagem sobre a leveza visual aqui desenhada. Além disso, outros elementos no campo da visualidade ficaram excluídos do estudo: cor, sombra, textura.

- Seria oportuno, também, problematizar a investigação contrapondo-a a outros contextos, nos quais os assentos adquirem sentido, conforme se especificou no capítulo 2, extrapolando os limites da forma e visualidade. No contexto de uso, a leveza poderia ser investigada em relação ao conforto do sentar, ou à mobilidade de uma cadeira. No contexto produtivo, em relação à economia de materiais e energia. E assim por diante.

Por outro lado, nos capítulos 5 e 6 chega-se ao vetor da pesquisa que conduz a esta dissertação, nas questões conceituais sobre forma e visualidade nas especificidades do objeto tridimensional. Durante a análise de oito assentos selecionados, apresentada no capítulo 6, revelaram-se questões que extrapolam o tema inicial da leveza no mobiliário brasileiro. Afirma-se, desse modo, a preocupação na pesquisa com a forma e a visualidade. As considerações a seguir dizem respeito a essas questões que emergiram e estão organizadas em dois grupos: a) sobre aspectos formais e visuais da leveza no mobiliário no Brasil; b) sobre análise e síntese da forma e visualidade no objeto tridimensional.

#### **a) Sobre aspectos formais e visuais da leveza no mobiliário brasileiro**

Leveza é característica formal e visual comum às oito cadeiras e poltronas selecionadas para análise.

As peças escolhidas apresentam aspectos tão variados quanto volumes curvados e retos, regulares e irregulares, orgânicos e geométricos. Na poltrona Dinamarquesa, a leveza adquire contornos na complexidade de suas partes, irregulares, desenhadas de modo a afinar em direção às extremidades, os pés em direção ao chão, os braços às pontas e laterais. Na poltrona Paulistano, a leveza ganha forma através da simplicidade de seus poucos elementos regulares, simétricos, e da continuidade visual. A sinuosidade da cadeira de Tenreiro, as proporções gráficas da cadeira GB01, as transparências produzidas pelos recortes visuais da cadeira Atibaia, o contraste entre planos e volumes na cadeira Cordame. Características diversas de leveza, da qual se desdobram dezenas de outros aspectos formais e visuais das peças.

Confirma-se que o caráter de leveza se configura, principalmente, por identificação com ampla tipologia de artefatos leves, identidade formal e visual na qual proporções lineares, transparência e ausência de ornamentos são aspectos fundamentais, conforme se tratou nos capítulos 2.3. e 3.

Vale destacar, no entanto, de acordo com os princípios de relação visual adotados na pesquisa, a relação preponderante do volume negativo sobre volume positivo como princípio comum aos oito móveis analisados.

Revelam-se diversos critérios formais e visuais, no exercício, que podem servir de subsídio para futuras aproximações e diferenças com outros móveis brasileiros.

### **b) Sobre análise e síntese da forma e visualidade no objeto tridimensional**

A partir da experiência do exercício desenhado no capítulo 6, destacam-se algumas considerações finais a respeito de especificidades da forma e visualidade no espaço tridimensional, cujos desdobramentos podem ser considerados em termos de desenvolvimento de habilidades de diferenciação tanto receptivas quanto de gerativas:<sup>36</sup>

- a) O aspecto ponto de vista é elemento-chave nesses limites.  
De fato, apenas o registro fotográfico dos oito assentos

<sup>36</sup> As expressões diferenciação receptiva e diferenciação gerativa fazem referência à seguinte enunciação de Gui Bonsiepe (apud Dias Lessa, 2009, p.71) verificar numeração, pois se refere a revista como um todo [incluir a referência na Bibliografia]: “no campo da educação em design o ensino fundamental sempre teve como propósito solucionar um problema inegável: fornecer aos estudantes uma educação estética formal buscando cultivar não apenas habilidades de diferenciação receptivas, mas também, e sobretudo, suas habilidades de diferenciação gerativas.

selecionados, de diversos pontos de vista, constitui, por si, contribuição da pesquisa aqui documentada. Principalmente diante das novas ferramentas digitais, tanto de geração quanto de recepção de formas tridimensionais, abre-se um campo de atualização da linguagem visual no espaço tridimensional a partir do princípio de ponto de vista.

- b) Sistematizações e sínteses sobre relações formais e visuais no espaço tridimensional, para que possam ser comunicadas e replicadas, implicam a transposição de elementos do espaço tridimensional físico para outros espaços, seja o bidimensional, o tridimensional virtual, o verbal, estabelecendo-se desse modo relações entre o espaço tridimensional e suas representação gráficas e verbais. Do campo de relação entre texto e imagem, linguagem verbal e desenho, podem-se desdobrar estratégias receptivas e gerativas sobre a forma e visualidade dos objetos tridimensionais.
- c) O princípio de volume negativo em oposição a volume positivo, que considera espaços de ar como elemento formal e visual dos objetos, pode desdobrar-se em novas estratégias de recepção e geração formal e visual. Por exemplo, uma maneira de sintetizar a leveza formal e visual de uma cadeira é “aquela cujos volumes negativos são maiores e mais presentes do que os volumes positivos”.
- d) Pensar forma e visualidade em termos de relação. O princípio da relação entre partes do objeto. A respeito dos aspectos formais e visuais atinentes à leveza dos assentos, as relações entre suas partes é relevante. O princípio de relações visuais é valioso. Nos assentos, o caráter de leveza da peça é marcado por relações entre pés e braços, pés e chão, respaldo e encosto, e assim por diante. Fala-se menos sobre o fato de uma forma ser curva ou reta e mais sobre a relação da forma – curva ou reta – com uma superfície.

Através da leveza como característica de um tipo de mobiliário produzido no Brasil, reconhece-se uma série de outras características formais e visuais, que constituem parte de um extenso vocabulário visual. Caberá ao campo de pesquisa em design resgatar e reproduzir o conhecimento materializado nesse mobiliário em seus aspectos formais e visuais.